

A ELIPSE NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Elenita Alves Barbosa (UESB)

nitajord@hotmail.com

Valéria Viana Sousa (UESB)

valeriavianasousa@uesb.edu.br

RESUMO

Esta pesquisa visa investigar a construcionalização de estruturas elípticas na Língua Portuguesa, em uma perspectiva funcionalista. Tomando por base os pressupostos teóricos do Funcionalismo norte-americano, apresentados por Bybee (2010); Goldberg (1995, 2006); Hopper (1991); Traugott, Trousdale (2013), é que procedemos com nossa análise ancorada em estudos desenvolvidos por Goldberg; Perek (2019), Heine (2011) e Hilpert (2014), estudos que nos ajudam a observar que as elipses são um fenômeno da língua que não deve ser visto apenas como um elemento nulo, usado pelo falante, a fim de evitar redundância e constituir coesão textual, mas que, em diversos contextos de uso, nos quais estamos analisando, elas ultrapassam o que vem sendo prescrito na Tradição Gramatical. Sendo nossa pesquisa funcionalista e nossa análise qualitativa-quantitativa, é que defendemos que a elipse traz especificidades a serem investigadas no contexto de cada construção, considerando o pareamento forma-significado (contextos morfológicos, sintáticos, fonológicos, semânticos, pragmáticos e discursivos), no modelo de construção de Croft (2001). Nossos dados são dos *Corpora* do Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC) e do Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC). Dessa forma, trabalhamos com amostras retiradas de 6 (seis) entrevistas do PCVC e 6 (seis) do PPVC, coletadas pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)funcionalismo – CNPq. Diante disso, esperamos contribuir com a reflexão desse fenômeno nos diversos espaços de estudo.

Palavras-chave:

Elipse. Construção. Pareamento forma-significado.

ABSTRACT

This research aims to investigate the constructionalization of elliptical structures in the Portuguese language, in a functionalist perspective. Based on the theoretical assumptions of North American Functionalism, presented by Bybee (2010); Goldberg (1995; 2006); Hopper (1991) and Traugott, Trousdale (2013), we proceed with our analysis anchored in studies developed by Goldberg; Perek (2019), Heine (2011) and Hilpert (2014), studies that help us to observe the ellipsis is a language phenomenon that should not be seen only as a null element, used by the speaker, in order to avoid redundancy and constitute textual cohesion, but that in different contexts of use, in which we are analyzing, they go beyond what has been prescribed in the Grammatical Tradition. For Being our research functionalist and qualitative-quantitative analysis, we argue that the ellipse brings specificities to be investigated in the context of each construction, considering the form-meaning pairing (morphological, syntactic, phonological, semantic, pragmatic and discursive contexts), in the construction model of Croft (2001). Our data are from the *Corpora* do Popular Portuguese of Vitória da

Conquista (PPVC) and the Cult Portuguese de Vitória da Conquista (CPVC). Thus, we worked with samples taken from 6 (six) interviews from the PCVC and 6 (six) from the PPVC, collected by the Research Group on Historical Linguistics and Socio-functionalism – CNPq. Therefore, we hope to contribute to the reflection of this phenomenon in the different spaces of study.

Keywords:

Ellipse. Construction. Form-meaning pairing.

1. Introdução

A elipse é um fenômeno da língua, observado por muitos autores como uma lacuna usada, intencionalmente, pelo falante ou escrevente para evitar redundância em uma construção linguística, cujo termo pode ser retomado a partir do contexto textual.

Parece simples se optarmos por essa definição. Percebemos, por meio de várias leituras: Goldberg; Perek (2019), Heine (2011) e Hilpert (2014) e de diversos contextos de uso, como no exemplo (1), que a questão é mais complexa, e não nos parece adequado analisar uma elipse de forma superficial como se fosse apenas um recurso de coesão textual. No exemplo (1), isso fica bem evidenciado.

- (1) Minha infância... foi Ø ela... foi vivida a maior parte eh... do tempo em cidades pequena eh... em viagem porque... o meu pai é militar e... ele... era destacado para vários lugares [né] pra vários destacamento e então... ele... é... é... trabalhou em várias cidades e nós... é... acompanhamos então... eu... eu, então minha infância foi boa porque eu conheci vários lugares e porque... é... eu durante esse período todo convivi com essa... Ø é... ambiente de cidade pequena né... então eu tive uma infância... é... bem livre... bem...bem... tranquila sem essa agitação de cidade grande é... então pra mim foi uma infância muito boa em que eu tive a oportunidade de Ø ... de... é... crescer em... em... uma família que Ø ... é...deu condições pra que a gente brincasse muito pra que a gente é... se dedicasse aos estudos e... e... então Ø foi... uma... uma... infância boa... tranquila. (HFDS – *Corpus PCVC*)

Por meio do exemplo (1), podemos perceber que a elipse nem sempre tem por finalidade a coesão textual, pois ela pode servir para reformulação do pensamento e, assim, para o falante, simplesmente, pensar no que será dito, por economia de palavras entre outros objetivos.

O desafio posto é que esse recurso, tão usado nos textos orais e escritos, traz uma gama de significados que, a nosso ver, devem ser investigados/analísados no contexto de cada construção, levando em consideração o pareamento forma-significado (contextos morfológicos, sintáticos, fonológicos, semânticos, pragmáticos e discursivos), no âmbito da Gramática de Construções (Cf. BYBEE, 2010; GOLDBERG, 1995,

2006; HOPPER, 1999; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013) e da Linguística Funcional Centrada no Uso (Cf. ROSÁRIO, OLIVEIRA, 2016), em uma análise mais acurada, dado que nem todas as lacunas podem ser caracterizadas como anafóricas ou como recurso de coesão textual.

No levantamento de pesquisas e estudos que façam referência à elipse, deparamo-nos com autores mais voltados para a tradição linguística (Cf. AZEREDO, 2008; CEGALLA, 2008; CYRINO, 1999, entre outros) que pensam esse fenômeno linguístico como um “elemento nulo”, “vazio”, cujo resgate pode ser feito em uma retomada rápida do contexto; os mais funcionalistas (Cf. GOLDBERG, PEREK, 2019; HEINE, 2011; HILPERT, 2014), contudo, veem a elipse como um recurso que ultrapassa o simples recobrar de contexto. Para estes, o sentido de uma lacuna em uma construção pode ser bem mais significativo; para aqueles, é uma questão estrutural.

Tendo em vista que a abordagem construcional da gramática é um recente e promissor compromisso de pesquisa, tanto em termos teóricos quanto metodológicos, disposto a ser testado e avaliado, é que focamos nosso estudo nessa perspectiva. Além do mais, acreditamos que muitas pesquisas deverão ascender nessa área, trazendo consigo novos olhares, novos resultados e novas decisões.

Este texto encontra-se dividido em quatro subseções: a introdução, que traz um panorama acerca do que será tratado; a metodologia que aborda os métodos da pesquisa; a terceira subseção intitulada “Um olhar anacrônico sobre as elipses”, que abarca o referencial teórico baseado em Goldberg e Perek (2019), Heine (2011) e Hilpert (2014), no qual apoiamos-nos, e a análise de contextos de elipse em efetivo uso da língua; e a última subseção que é a conclusão, seguida das referências.

2. Metodologia

Nossa análise é quali-quantitativa. Nossos dados envolvem os *Corpora* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*) e do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*), são constituídos por amostras retiradas de 6 (seis) entrevistas de informantes do PCVC e 6 (seis) de informantes do PPVC, coletadas pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)funcionalismo – CNPq. Levando em conta que a coleta dos dados se deu em efetivo uso da língua, nossa pesquisa é classificada e amparada nos moldes funcionalistas.

3. Um olhar anacrônico sobre as elipses

No Brasil, qualquer trabalho que exista sobre elipse na perspectiva da Gramática de Construções (GC) ainda é bastante restrito e, possivelmente, não foi publicado até agora. Encontramos alguns autores, a exemplo de Goldberg; Perek (2019), Heine (2011) e Hilpert (2014), que analisaram a elipse na perspectiva da GC em outras línguas que não fossem o português e nos ancoramos nesse conhecimento para nosso estudo.

Sob nossa reflexão, a elipse é uma ideia clara de uma sentença excluída que obtém seu significado em um antecedente, ou seja, nos seus componentes. Porém, esses componentes da cláusula devem ser comuns aos interlocutores para que a elipse seja licenciada. Caso não haja essa possibilidade, a construção não é licenciada e se torna agramatical ou sem sentido, assim como qualquer outra construção quando as formas sintáticas não se conectam. É consenso entre os autores os quais tomamos como suporte que as elipses são adjacentes frente às categorias que as licenciam e, portanto, elas devem estar dentro da estrutura.

Isto posto, compreendemos que a Gramática Tradicional (GT) defende que o termo elidido precisa ter uma conexão linguística com seu antecedente para que ele possa ser interpretado, porém as elipses ultrapassam essa fronteira e nem sempre precisam de um referenciador ou de qualquer outro material linguístico que lhe sirva como ponteira. Conforme nos apresenta Heine (2010), nem sempre o significado de uma elipse é derivado composicionalmente de palavras, como exemplificado em (2):

- (2) DOC: Aí, o que o senhor acha das brincadeiras de sua época e as... em relação com as de hoje?
INF: Eu acho Ø muito diferente.
DOC: Em que?
INF: Eu acho Øbastan'diferente, porque é tu...tudo diferente em fa... tu... tudo *falan*.
DOC: Hum. Como o que?
INF: As *dança* de primeiro era dum jeito, era uma coisa. E hoje, Ø é de *oto...* de *otomo...* de *oto* sistema, de *ota* moda, *né.Osnamoro* de hoje ...Ø Ø de primeiro era só pegava na mão... eh... e Ø de hoje não. Ø É diferente, *né*. (ARA - *Corpus PPVC*)

Este é um típico exemplo de elipses que aparecem na estrutura em duas situações: na primeira, “Eu acho Ø muito diferente.”, qualquer leitor percebe que o complemento de “eu acho” é “as brincadeiras”, porque o contexto no qual a fala do documentador está posta conduz a essa interpretação, assim como em “Ø é de *oto...*”. Contudo, em “Os *namoro* de hoje ...Ø Ø de primeiro era só pegava na mão... eh... e Ø de hoje não. Ø É diferente, *né*.”, há necessidade de um conhecimento histórico, isto é,

um contexto situacional, para a inferência das construções elípticas, dado que não há no contexto linguístico um antecedente e o fato de que antigamente o namoro não passava de um toque na mão, o chamado “fazer a corte”, realidade que recebeu grandes mudanças até chegar aos dias atuais em que o hábito do casal dormir junto antes do casamento é algo normal e natural.

Logo, fica evidenciado o que expomos anteriormente de que nem sempre o elemento ponteira está presente no texto, anafórica ou cataforicamente, nem sempre o referente deriva de palavras, mas ele pode estar no contexto situacional e será interpretado com a inferência dos feixes de exemplares trazidos pelos interlocutores. Embora, não haja forma física, todas as elipses necessitam de dar condições de interpretação.

Partindo do pressuposto de que a GC analisa a língua como uma rede com uma estrutura promissora que parte do princípio de que uma construção é um pareamento forma-função, é que Heine (2011) nos conduz à análise da elipse na língua inglesa, cuja constatação da linguista é que no inglês podem ser encontradas “(...) formas gradientes de omissão de sentenças iniciais em perguntas de sim/não com função de oferta” (HEINE, 2011, p. 55 – tradução nossa). Ela aponta como exemplo:

- (3) Quer um café?
 Você gosta de um café?
 Gosta de café?
 Um café?
 Café? (HEINE, 2011, p. 56) (tradução nossa)

Heine (2011) explica que, embora grandes trechos da fala possam ser deixados de fora, todas as formas de fala em (3) podem ser usadas para comunicar o mesmo conteúdo. As formas reduzidas podem ser consideradas elipses que é um termo altamente sensível à Teoria Construtivista, devido seu uso implicar suposições sobre representações linguísticas e atividades de processamento que tomam uma sentença gramaticalmente completa como base. Nas palavras de Heine (2011),

Além disso, na literatura, o termo "elipses linguísticas" se restringe, principalmente, a um fenômeno muito específico, ou seja, omissões baseadas em antecedentes em algum tipo de estrutura sintática paralela, em que o elemento ausente é recuperável do contexto linguístico (intrasentencial e intersentencial) circundante. (HEINE, 2011, p. 56) (tradução nossa)

Mais adiante, Heine (2011) traz vários questionamentos acerca dessa retomada de contexto para entendimento do termo elíptico e levanta a questão do tipo de relacionamento existente entre as formas em cas-

cata, se elas são baseadas em uma versão completa, como em (3), ou se elas representam fenômenos diferentes. Embora toda essa questão ainda seja pouco estudada no Brasil, podemos nos apossar das palavras da autora quando diz que estudos apontam que “(...) a sentença gramaticalmente completa é o ponto de referência e que a estrutura representa algum tipo de redução da sentença completa” (HEINE, 2011, p. 58, tradução nossa), e ainda podemos complementar que, a despeito de essa ser uma condição para a elipse, não é a única, pois há os casos em que o resgate do termo elidido se dá por meio do contexto situacional.

Quando isso acontece, esse fenômeno tem a estrutura sintática não expressa fonologicamente ou reduzida, mas está conectada a uma representação semântica completa. Dessa forma, o significado não é recuperado no contexto linguístico, o que é incompatível com o que preconiza a Gramática Tradicional, e é com base nessa tradição que ainda se tem como verdade que as elipses necessitam de um ponto de referência dentro da estrutura e, por isso, representam a redução de uma sentença completa.

Heine (2011) aponta que muitos autores consideram esses casos de elipse como “elipse fraca”, “situacional”, “pragmática” ou “elipse semântica” e que

Por outro lado, encontramos estudos que sugerem que o fenômeno pertence a uma categoria genuinamente diferente da elipse linguística tradicional e o denominam “erosão” (THRASHER, 1974), “fragmentos” (MERCHANT, 2004), “sub-sentenças” (HALL, a ser publicado) ou “não sentenças” (STANTON, 2006). (HEINE, 2011, p. 58) (tradução nossa)

Para explicar fenômenos como esse é que a autora utiliza a expressão “elipses não baseadas em coordenação”, dado que o contexto situacional empreende a função de resgatar o material elidido, sem nenhum prejuízo à interpretação ou entendimento da sentença. Nesses casos, não há nada para ser pronunciado quanto ao aspecto fonológico. Sendo assim, a pesquisadora aponta que há problemas quando uma abordagem sintática tenta explicar a retomada de uma elipse apenas tomando por base processos pautados em regras na faculdade linguística, pois não há abordagem sintática tradicional que possa explicar satisfatoriamente esse tipo de elipse. No entanto, ela afirma que “Uma explicação teórica diferente para elipses não baseadas em coordenação poderia ser de que a redução não ocorre na sintaxe, mas primeiro no nível fonológico” (HEINE, 2011, p. 60 – tradução nossa), como em (4):

(4) DOC: Uhum, deve sê legal. Cêfalô que gosta de futebol, assim cê é bom de futebol?

INF: Não. {risos}
 DOC: Não é? Por quê?
 INF: Eu acho que não Ø, né?
 DOC: Cê tá jogando assim, o povo te chama de perna de pau é?
 INF: É {risos}.
 DOC: {risos} Eu sei. Mas quê que cê faz assim, cê joga ni que posição?
 INF: Ø Na zaga.
 DOC: Na zaga?
 INF: É.
 DOC: Cê costuma fazê gol?
 INF: Não. {risos}
 DOC: Não?
 DOC: E essa é sua única diversão
 INF: É, minha única diversão é essa.
 DOC: Se você fosse jogadô de futebol famoso assim, você gostaria?
 INF: Não.
 DOC: Por que não?
 INF: {risos} Porque não Ø.
 DOC: Por quê?
 INF: Porque eu Ø só esporte mesmo, mas pafalá assim Ø aí jogáØ.
 (MSS - *Corpus* PPVC)

O que podemos observar em (4) é que o falante em “Porque eu Ø só esporte mesmo, mas pafalá assim Ø aí jogáØ” utiliza do recurso da elipse para dizer que, apesar de gostar de futebol, de jogar como lazer, ele não quer ser jogador famoso; ele compreende serem desnecessárias as informações elididas, uma vez que ele e o interlocutor estão no mesmo contexto de fala. São elipses em que não há antecedente linguístico explícito nem uma estrutura posposta que possa ajudar na interpretação, mas que são perfeitamente possíveis de serem entendidas, dado ao que muitos autores chamam de “elipse situacional”, conforme dito anteriormente.

Hilpert (2014) desenvolve uma discussão bastante interessante acerca da elipse na Língua Inglesa, a qual podemos tomar como base para nossa pesquisa, considerando as peculiaridades pertinentes a cada idioma, nesse caso, o inglês e o português. Então, apoderamo-nos das palavras do autor para dizer que “Para todas essas construções, é bastante simples argumentar que aspectos de sua forma ou significado não podem ser previstos a partir de padrões mais gerais que existem na gramática (...)” (HILPERT, 2014, p. 50, tradução nossa), e, para uma melhor compreensão, ratificamos que o autor se refere à GT da língua inglesa, que estendemos à GT da língua portuguesa, por sabermos que esse compêndio não dá conta de todos os usos da língua, sendo um deles a elipse, vis-

ta apenas como recurso de coesão textual ou como instrumento de “economia de palavras”, este último preconizado por Cegalla (2008).

Vale ressaltar que as construções elípticas não são realizadas de forma aleatória ao bel-prazer do falante, posto que

[...] a elipse é licenciada por um sistema de construções motivadas; ou seja, pareamentos aprendidos de forma e função. Construções específicas capturam prontamente uma variedade de restrições de forma e função, incluindo aquelas relacionadas à semântica, contexto do discurso, registro, gênero e dialeto. (GOLDBERG; PEREK, 2019, p. 2) (tradução nossa)

Nesse sentido, compreendemos que uma elipse não é uma lacuna vazia de significado, mas uma construção licenciada em que, embora não haja explicitamente a forma física, há um pareamento de forma-significado, interligado a uma semântica, ao contexto do discurso, ao registro, ao gênero e ao dialeto. Resgatando todos esses aspectos nos elementos linguísticos e nos elementos não linguísticos, haverá possibilidade de compreensão.

À vista disso, os autores nos dizem que “As funções discursivas dessas construções de elipses vão muito além da simples recuperação de algum conteúdo mencionado anteriormente (...)” (GOLDBERG, PEREK, 2019, p. 11 – tradução nossa). É sabido que nem todas as construções que envolvem elipse possuem antecedentes linguísticos, mas mesmo não havendo esse tipo de *link* podem ser inteiramente interpretadas, desde que o pretendido seja recuperável pelos aspectos extralinguísticos. Goldberg e Perek (2019) confirmam isso através dos exemplos (40) e (41).

(5) Elise, Casey. (GOLDBERG E PEREK, 2019, p. 10)

(6) Desisti e levei a tigela aos lábios. É o novo eu. Para baixo com etiqueta. (GOLDBERG E PEREK, 2019, p. 11)

O exemplo em (5) pode ser tomado sem antecedente linguístico como forma de apresentação de Elise e Casey. Bastante comum, também aqui no Brasil, a utilização do nome próprio, seguido de uma pausa acompanhada de um gesto de mãos, indicando a outra pessoa que também tem apenas seu nome proferido, configurando, assim “Elise, este é Casey! Casey, esta é Elise!”.

Em (6) há uma construção convencional, sem antecedentes linguísticos, e com o verbo principal elíptico. Sua interpretação é possível graças a uma observação construtiva, dado que seu significado não está associado às palavras. Porém, é inteiramente viável afirmar que o falante evidencia que em um determinado momento de sua vida fugiu às regras

da etiqueta social; e isso nos conduz a uma outra ocorrência de elipse bastante comum nos dias atuais em que diante de uma fuga às normas de postura alguém solte um “Quem nunca...?” ou, simplesmente “SQN”. Elipse interpretável/inferível apenas pelo contexto extralinguístico.

As elipses, embora não possuam significado em si mesma, funcionam em diferentes construções e “(...) produzem sentenças com significados que podem ser trabalhados, processando os sentidos das palavras componentes” (HILPERT, 2014, p. 55 – tradução nossa). Ademais, cada palavra ou sentença elidida possui o significado que lhe é dado pelo falante e inferido pelo interlocutor, fundamentado no fato de as generalizações da fala poderem ser várias ao mesmo tempo. Em outras palavras, queremos esclarecer que cada elipse possui um sentido que lhe é atribuído pelo contexto, seja ele linguístico ou situacional, esses sentidos são, portanto, abstratos e “(...) representam dificuldades para uma análise esquemática.” (HILPERT, 2014, p. 56, tradução nossa).

No entanto, mesmo vislumbrando todos esses aspectos da elipse, o linguista ainda afirma que “O que permanece como um verdadeiro problema (...) é o caso das construções elípticas.” (HILPERT, 2014, p. 56, tradução nossa). Isso porque esse tipo de construção tem as características das regras tradicionais, ainda que não possua nenhum significado em si mesma. O autor ainda enfatiza que “Se atribuíssemos graus de ‘sem sentido’ a diferentes construções, esses tipos de construções certamente estariam no topo da lista (...).” (HILPERT, 2014, p. 56, tradução nossa), porém

[...] generalizações puramente formais, ou seja, construções sem significados, não têm lugar natural na construção. De fato, se a Gramática da Construção deve ser vista como uma verdadeira teoria do conhecimento linguístico, então essa teoria fará a forte afirmação de que não deve haver construções sem significados. (HILPERT, 2014, p. 57) (tradução nossa)

Se uma construção elíptica é realizada obedecendo os padrões sintáticos exigidos para que a frase seja gramatical, não podemos considerá-la como “sem sentido”, pois é axiomático que esse tipo de construção traz consigo significância, valor que lhe é agregado, incontestavelmente. Logo, se para a GC uma construção é um pareamento forma-significado, nos moldes de Croft (2001), “não deve haver construções sem significados”, fica legitimado que a elipse é uma construção.

Isso nos favorece afirmar que as elipses se constituem enquanto pareamento forma-significado, advindo de propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas, semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais,

especialmente, porque é sabido que a elipse só existe no encadeamento do discurso. Heine (2011) é incisiva ao dizer que a GC

[...] fornece uma estrutura particularmente promissora, porque se baseia na ideia geral de que a linguagem consiste em uma rede hierárquica de pareamento semiótico básico de forma e significado de diferentes graus de complexidade e especificidade, chamadas construções. O lado da forma inclui padrões sintáticos, morfológicos e prosódicos, enquanto o significado é muito mais amplamente definido do que nas teorias modularizadas, incluindo semântica lexical, pragmática e aspectos da estrutura do discurso. (HEINE, 2011, p. 63) (tradução nossa)

No texto “Elipse na gramática da construção”, Goldberg e Perek (2019) afirmam que “As construções de elipse são padrões formais nos quais certa estrutura sintática tipicamente expressa é omitida” (GOLDBERG; PEREK, 2019, p. 1 – tradução nossa). Na língua inglesa, há vários tipos de elipses, e os autores chamam atenção para o fato de que todo idioma necessita se equilibrar no tocante à expressividade e ao fato de ser fácil de produzir.

Tomando por base esses dois princípios é que podemos considerar que a elipse é um dos recursos utilizados pelo falante para estabelecer esse equilíbrio, pois as construções elípticas podem ser motivadas pela nossa necessidade de expressar nosso pensamento de forma mais econômica. Tendo como premissa de que essa é uma realidade das línguas em geral, é que compartilhamos da concepção de que existem elipses em todos os idiomas.

Dessa forma, julgamos que a elipse, vista sob a perspectiva da GC, configura expressões lexicalmente armazenadas com caráter idiomático, devendo ocorrer com um número limitado de itens lexicais em posição principal, exibindo frequência *type* alta, em uma categoria produtiva. A GC permite, segundo Heine (2011), a incorporação de perspectivas pragmático-contextuais na descrição gramatical e estabelece as tendências de prototipicidade observadas no conhecimento linguístico.

6. Conclusão

Diante do exposto nesta seção, afirmamos que, para a GC, a gramática é vista como um arcabouço holístico, ou seja, nenhum nível é autônomo ou central. Por isso, a elipse é vista não como uma abordagem periférica ou residual, mas como um tópico que agrega a mesma importância de quaisquer outros itens gramaticais, dando conta das relações forma-significado. Pensando por esse viés, consumamos que as elipses

são bastante produtivas e devem ser tratadas como construções em que aspectos relevantes de sua semântica não são fisicamente expressos, não obstante, cumprem papel contextualmente evocado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. ver. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions a twork: thenature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____; PEREK, Florent. Ellipsis in ConstructionGrammar. *Oxford Handbooks Online*. Fevereiro de 2019.

HEINE, Lena. Non-coordination-based ellipsis from a Construction Grammar perspective: The case of the coffee construction. *Cognitive Linguistics*, v. 22, Edição 1, p. 55-80, 2011.

HILPERT, Martin. *ConstructionGrammarand its applicationtoEnglish*. Edinburgh University Press. 2014. p. 50-73.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: Traugott, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. V. 1 p. 17-35

ROSARIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)*, v. 60, 2016. p. 233-59.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.